

BARBOSA, Miguel Eugenio Segundo; OLIVEIRA, Victor Hugo Neves de. **Atravessamentos do espaço**: trajetórias etnográficas em cena. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba. Bolsista PIBIC/Bacharelado em Teatro (UFPB). Professor Adjunto do Departamento de Artes Cênicas da Universidade Federal da Paraíba.

## RESUMO

O homem é um criador nato: todos os dias constrói e reconstrói estruturas físicas e simbólicas para se relacionar com o outro e com os espaços que ocupa. Nessa perspectiva, nos provocamos aqui a pensar ligações entre os processos que conectam o homem e seu lugar. Propomo-nos, assim, a investigar o espaço da feira a partir de uma abordagem etnográfica, para perceber que organizações físicas e simbólicas esse lugar configura e revela. Esse estudo faz parte do Programa de Iniciação Científica da Universidade Federal da Paraíba e do Grupo de Pesquisa Antropologia-Dança/UFPB. A pesquisa de caráter qualitativo busca analisar possíveis aspectos de uma abordagem social através do espaço, reconhecendo conflitos potentes para a construção de um experimento performativo e transformando a experiência etnográfica em cena. Utilizando diários de bordo, imagens e áudios coletados a partir da etnografia na Feira do Oitizeiro, localizada na cidade de João Pessoa-PB, construímos o experimento "Passa na feira?". Acreditamos que o corpo que atravessa e foi atravessado pelo espaço, pode reconstruir-se em novos mapas de orientação a partir da etnografia, organizando estruturas dramáticas que potencializam a cena contemporânea.

**Palavras-chave:** Feira. Etnografia. Espaço cena.

## ABSTRACT

Man is a born creator: he constructs and reconstructs physical and symbolic structures every day to relate to the other and to the spaces he occupies. From this perspective, we are provoking here to think of links between the processes that connect man and his place. We propose, therefore, to investigate the space of the fair from an ethnographic approach, to realize what physical and symbolic organizations this place configures and reveals. This study is part of the Scientific Initiation Program of the Federal University of Paraíba and the Research Group Anthropology-Dance / UFPB. The qualitative research seeks to analyze possible aspects of a social approach through space, recognizing potent conflicts for the construction of a performative experiment and transforming the ethnographic experience into scene. Using logbooks, images and audios collected from the ethnography at the Oitizeiro Fair, located in the city of João Pessoa-PB, we built the experiment "Passana Feira?". We believe that the body that crosses and has been crossed by the space, can be reconstructed in new maps of orientation from the ethnography, organizing

dramatic structures that potentiate the contemporary scene.

**Keywords:** Fair. Ethnography. Space. Scene.

No campo de investigação que nos colocamos, percebemos este trabalho como uma forma de estimular perspectivas de mobilizar, estruturar e provocar as artes da cena, pensando em estratégias de composição. Nessa perspectiva começamos a nos relacionar diretamente com a antropologia, para assim, estruturar um processo de cruzamento entre essas duas áreas, percebendo pontos de convergência que promovam o desenvolvimento desses lugares de conhecimento.

É a partir da ideia de lugar que começamos a nos relacionar com essa pesquisa, com base das criações e construções que o homem desenvolve durante sua vida. O lugar como uma estrutura do sensível que reflete em sua teia de significados, as diversas relações entre o homem e o espaço que habita. O lugar enquanto rede de afetos, que de forma cíclica, é gerada e gera formas de se comunicar com o mundo.

É em torno de uma delimitação espacial que começamos a configurar quais são os nossos lugares para desenvolver essa pesquisa. Este trabalho faz parte de um projeto vinculado ao PIBIC e ao grupo de pesquisa Antropologia-Dança da UFPB. Espaços acadêmicos que possibilitam a estruturação e desenvolvimento desta pesquisa, que se relaciona de forma íntima com a ideia de um processo provocador dos estados que pensam a relação entre antropologia e as artes da cena.

É com o auxílio da antropologia que propomo-nos a perceber uma abordagem do espaço, enquanto consequência de uma construção cultural. Percebendo de forma sensível, os possíveis conflitos que o espaço carrega consigo. De acordo com Segaud (2016) “O que importa igualmente é afirmar que o objeto “espaço” é pode ser considerado sob um aspecto antropológico, isto é, constatar que é obrigatoriamente social, já que em qualquer configuração espacial há uma abordagem social”. Promovendo assim uma

outro olhar para perceber as relações entre o homem e as reverberações de suas construções, essa abordagem coloca em voga um tipo de crítica social.

Quando nos referimos a espaço, incluímos consigo a ideia de tudo aquilo que o ocupa, corpos e elementos vivos e não vivos. Pois tudo que atravessa o espaço, mobiliza consigo um conjunto de signos e significados.

É a partir da percepção desse conjunto de símbolos que configuramos as relações entre o corpo que pesquisa e o espaço pesquisado. Se faz necessário já identificar que durante esse tipo de pesquisa, o espaço e todos os seus corpos, de certa forma pesquisaram-nos também. Está relação de investigação de certa forma indica um tipo de relação bilateral.

Na antropologia, nos conectamos com a pesquisa etnográfica. Foi nesse tipo de abordagem que identificamos uma potencialidade para pensar estratégias que localizam as ligações entre o homem e seu lugar. A partir das nossas relações de vida e experiência, reconhecemos o espaço da feira como um lugar potente para perceber a relação espaço/social do homem.

Com a feira em mente, focamos nosso olhar sob um lugar específico. A Feira de Oitizeiro, localizada na Cidade de João Pessoa, Paraíba. A mesma localizada no bairro de Cruz das Armas na capital paraibana, localiza-se na periferia e é uma das feiras mais antigas da cidade.

No intuito de entender as relações que acontecem nesse espaço, iniciamos uma pesquisa etnográfica que aconteceu entre os meses de novembro e fevereiro, entre os anos de 2017 e 2018. Nessa vivência começamos estruturar nosso processo a partir de diários de vivências, construídos durante todo o processo de “visitação” a partir de uma observação ativa. Além de registros em gravações sonoras e em imagem. Para analisar o homem, MAUSS (2003) considera que uma boa perspectiva sobre a investigação do mesmo e sua relação com o espaço é a ideia do “homem total”, a construção de uma pesquisa a partir da dimensão tríplice – corporal, psicológico e social.

Considerando as produções de diários como um primeiro ato criativo dentro desse processo, podemos perceber um primeiro movimento surgindo a partir das construções da escrita dessas vivências. Geertz (2008) em sua obra já indica a ideia de uma ficção nas construções narrativas, a ideia de ficção nesse processo não se relaciona com a possibilidade dessas narrativas serem falsas, mas de uma construção ficcional no processo de estruturação, modelação. Outros autores trabalham com a ideia de uma construção mais criativa, onde se utilize da imaginação para a organização das experiências.

O diário é também um “ato linguístico-literário” ou, ainda um “trabalho de acumulação criativa de fragmentos”, nas palavras de Seligmann-Silva. E aqui, o autor se opõe à visão de Lejeune que tenta manter bem demarcado o limite entre a ficção dentro de um projeto de construção literária... e a não ficção de um projeto que seria ancorado na imediata expressão da verdade do autor no caso dos diários. Essa separação rígida não convence Seligmann-Silva que, ao contrário, entende que o processo de ficcionalização é inerente a toda narrativa. “Não se trata de uma ‘antifissão’, como Lejeune, mas de uma inscrição da vida – e da morte, vale acrescentar, pensando em toda escrita como autotanobiografia – na qual a fantasia e a literatura não impedem que acreditemos no ‘real’ que estava na sua origem. (LEITE, 2017, p.22)

É nesse espaço que nos colocamos em processo de descoberta para colocar em questão: como construir a partir de um trabalho etnográfico um processo criativo corporal, que se sustenta nessa experiência para uma construção nas artes da cena? Uma composição que se baseia nas histórias inseridas na pesquisa de campo, organizadas em entrevistas, observações participantes e diários de experiência. Deste modo, esta pesquisa busca inaugurar uma proposta dramática a partir da vivência etnográfica e a partir da ideia de feira como espaço de performatividade.

Nesse palco, feirantes, fregueses, carregadores, feirantes ambulantes, vendedores de café da manhã, vendedores de refrigerantes, andarilhos, pedintes *habitués* e conhecidos estão autorizados e são estimulados a vivenciar relacionamentos e tipos de convivência diversos daqueles normalmente observados em público numa grande cidade. Esse grande palco generosamente montados pelos feirantes, garante abrigo para todos os que se habilitem a praticar as suas performances. (SATO, 2012, p. 99)

A feira é um espaço que convida e recebe todos aqueles que desejarem interagir, por não haver delimitações físicas como muros ou grades, todos são

livres para entrar e se relacionar de forma livre com seus “habitantes”. As feiras populares são verdadeiras feiras livres, abertas para conexões e ligações que permeia as diversas formas de relacionamento entre seus transeuntes.

Foi nesse processo de perceber e analisar os materiais que começamos a identificar alguns conflitos no espaço. O primeiro foi a negação dos feirantes a participarem da pesquisa. Sempre ao relacionar as conversas a uma pesquisa, os mesmos construíam desculpas e formas para se afastar de uma conversa mais amena e tranquila. A perspectiva de ser estudado e de um vínculo com a universidade nem sempre é um caminho que abre portas dentro de uma pesquisa como esta. A possibilidade de ser um “objeto de pesquisa” pode ser para alguns um lugar muito honroso, mas para outros um lugar não muito agradável.

Tivemos a sorte de conseguir um interlocutor dentro dessa pesquisa que contribuiu muito para o desenvolvimento da mesma. Foi a partir deste contato que tive a oportunidade de registrar certas histórias que a feira já havia passado e ter conhecimento sobre a venda de animais silvestres por exemplo.

A feira de Oitizeiro por muitas vezes no tocou num nível de afetividade nostálgico, de uma feira da infância que se relaciona com sabores, aromas e memórias de um outro tempo. Um lugar agradável que foi construído em outros espaços geográficos. Mas a feira nos tocou muito mais além dessa relação emotiva. Reconhecemos dentro desse processo crianças trabalhando e dividimos essa observação em duas partes.

A primeiro de forma mais agradável, quase uma brincadeira familiar. Os pais juntos com os filhos organizando os produtos nas bancas, uma atividade como de quem passa um ofício de geração a geração, bordando um conhecimento nessa árvore que liga pais e filhos. Mas num segundo momento, reconhecemos crianças trabalhando sozinhas, carregando as compras de fregueses em carrinhos de mão para ganhar um sustento. Nesse segundo caso, não a pais por perto, as relações são traçadas de forma mais objetiva, entre trabalhador e patrão. Patrão ou patroa era um termo muito utilizado por eles para se dirigir a quem pagava pelo serviço.

É nesse campo complexo de relações e conflitos em camadas, que utilizamos da pesquisa etnográfica para pensar em composições dramáticas. Utilizamos dos materiais coletados para pensar formas de estruturação dessa experiência para transformar a etnografia em cena. Pensando na ideia de uma organização e reorganização para compor um experimento performativo.

As afinidades eletivas entre o pensamento teatral e o fazer antropológico merecem atenção. O modo como Roland Barthes (1990, p.85) define o teatro é propício para discutir tais afinidades. Trata-se, diz ele, de uma atividade “que calcula o lugar olhado das coisas”. Essa definição também é boa para se pensar a antropologia. Ao produzirem conhecimento, a antropologia e o teatro provocam um descolamento do lugar olhado das coisas. Suscitam estranhamento. Conduzem o ator, também pesquisador, a uma experiência de alteridade. Brincam com o perigo. A etimologia da palavra “teoria” é a mesma de teatro, ou seja, “ato de ver”. O modo como a antropologia elabora suas teorias muito tem a ver com os saberes desenvolvidos nas artes cênicas: a fórmula que Lévi-Strauss descobre em Rousseau – “eu é um outro”-, que serve como princípio para a antropologia, tem afinidades marcantes com a experiência do ator. (DAWSEY; MULLER; HIKIJI; MONTEIRO, 2013, p.19)

Foi seguindo a mesma rotina para chegar nessa feira, que reconhecemos que a feira de oitzeiro chega até nós antes mesmo do seu espaço físico. Durante o trajeto percorrido, passando por dois ônibus e o principal ponto de integração de transporte público da cidade que identificamos essa presença deslocada.

“Passa na feira motorista?”, essa frase era frequente dentro dos ônibus que percorriam o trajeto da feira. Foi essa frase que desencadeou o nome do nosso experimento, intitulado: Passa na feira?

Essa questão nos deslocou para além da sua estrutura espacial, nos provocou a questionar: Quem passa na feira? O que passa na feira? Como eu passo na feira? Que trabalho passa feira? Quanto custa a mercadoria que passa na feira? O que atravessa e é atravessado pela feira?

Com essa série de questões, nos colocamos na sala de ensaio e começamos a problematizar a experiência a partir dos conflitos que percebemos. Com os materiais coletados, começamos a reconhecer signos e símbolos que poderiam ser ressignificados na cena para promover uma

estruturação do que consideramos importante para levantar enquanto pontos relevantes para dialogar com o público.

Chegamos a quatro pontos de conflitos que reverberaram também na distribuição espacial da cena e nos elementos utilizados. A estrutura cronológica dos conflitos segue a sequência identificada e vivida pelo próprio processo etnográfico. A ideia foi fazer da cena uma construção tal qual aconteceu na organização do processo escrito da etnografia, porém buscando um processo mais sensibilizado pensando nas especificidades que as artes da cena.

Nesse contexto, elementos forma distribuídos do espaço, e cada componente da cena foi pensado para reverberar as provocações identificadas no processo vivido. O experimento “passa na feira?” trouxe para a cena, estruturas sensíveis que organizadas de forma cinestesica, tentaram aproximar o público as configurações vivadas pelo que chamamos aqui de artista-etnógrafo.

Para esse momento, foram pensados em elementos que trouxessem aromas, texturas, sons e elementos visuais que reverberassem nos espectadores um tipo de ligação com o lugar pesquisado. Exemplos dessa organização se dão pela distribuição do público na cena, onde os mesmos são distribuídos em quatro quadrados formados por bancos, assim o próprio público forma o que indicamos como as bancas dessa feira. Além das quatro bancas formarem uma encruzilhada.

Nossa percepção da feira atingiu níveis de macro e micro. Um macro reconhecendo o espaço da feira enquanto um labirinto, além de um micro que seria a encruzilhada. Essa organização entre macro/micro e labirinto/encruzilhada, se dá na formação de diversas passarelas que se entrecruzam por toda a feira.

O experimento “Passa na feira?” ainda está em processo de construção e formulação, porém já demonstrou a potencialidade do uso da pesquisa etnográfica para a composição de dramaturgias nas artes da cena. Reconhecemos aqui, que existem diversas estratégias de composição e elas

necessariamente não estão ligadas a pesquisa etnográfica, nem é nosso intuito fazer isto aqui.

Porém, percebemos que ao vivenciar uma experiência como está, utilizando de suas organizações, evidenciamos o quanto pode ser potente iniciar um processo de composição, utilizando como base essa estruturação da experiência. Iniciar um processo criativo com tantos recursos pode mobilizar esse estágio de construção de forma mais apropriada sobre a temática que busca relacionar sua obra.

É importante ressaltar que o artista-etnógrafo não é mesmo do etnógrafo da antropologia, acreditamos que essas duas figuras trabalham com campos do sensível diferentes, assim sendo estimulados por estruturas diferentes. Isso pode ser identificado também, pelo fato de que os dois buscam objetivos diferentes dentro do campo de trabalho.

## **Referências**

DAWSEY, Jong; *et al.* **Antropologia e performance: ensaios napedra.** São Paulo: Terceiro Nome, 2013.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora [LTC], 2008.

LEITE, Janaina. **Autoescrituras performativas: do diário à cena.** 1. ed. São Paulo: Perspectiva: Fapesp, 2017.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia.** São Paulo, Cosac Naify, 2003.

SATO, Leny. **Feira livre: organização, trabalho e sociedade.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. 240 p.

SEGAUD, Marion. **Antropologia do espaço: habitar, fundar, distribuir, transformar.** São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2016.